

Ranke reloaded: entre história da historiografia e história multiversal

Ranke reloaded: between history of historiography and multiversal history

Sérgio da Mata

Professor Adjunto
Universidade Federal de Ouro Preto
sdmata@ichs.ufop.br
Rua do Seminário s/n
35420-000 - Mariana - MG
Brasil

Palavras-chave

Leopold von Ranke; História da historiografia; História universal.

Keyword

Leopold von Ranke; History of historiography; Universal history.

247

Enviado em: 15/3/2011
Aprovado em 30/3/2011

Para aqueles que iniciaram seus estudos de história na década de 1980, o século XIX começava com Hegel e terminava com Marx. Para tudo o mais, lançava-se mão de um *Kampfbegriff*: “positivismo”. Não obstante o entendimento geral a respeito de conceitos como positivismo e historicismo no Brasil estivessem então contaminados por toda sorte de interferência extra-teórica, elegeu-se um nome para simbolizar tudo aquilo que a historiografia do século XX pretendia ter deixado para trás: Leopold von Ranke.

Que a obra de Ranke é muito maior do que apregoam seus críticos, é evidente para quem quer que se disponha a percorrer seus livros e ensaios *sine ira et studio*. O antigo volume organizado por Sérgio Buarque de Holanda e seu belo texto introdutório não poderiam suscitar tal efeito à época (HOLANDA 1979). Pouco interesse poderia despertar, naquela ocasião, um historiador cuja obra é dominada pelo “primado da política externa” e por convicções políticas conservadoras. Quando, em 1986, se comemorou o centenário da morte de Ranke, vivia-se, à esquerda do Reno, os anos de efusão em torno da Escola dos *Annales*. Já em uma Alemanha sob a égide da história social da Escola de Bielefeld, viu-se em Ranke uma espécie fantasma do passado. Nem mesmo o brilhantismo de Thomas Nipperdey foi suficiente para descriminalizar o historicismo oitocentista.

É revelador, e até certo ponto irônico, que sob o efeito da crítica pós-modernista e pós-estruturalista, uma parte significativa da comunidade de historiadores tenha sido levada a olhar *para trás* em busca de alternativas. Não poderia ter sido de outra forma. Um indicativo claro disso é o espaço dado a Ranke em duas recentes coletâneas sobre a historiografia do século XIX publicadas no Brasil, as de Martins (2010) e Malerba (2010). Eis que se descobre, por detrás do mito negativo do arquipositivista, o gigante historiográfico que tanto fascinara Wilhelm Dilthey.

Desnecessário insistir no fato de que oito dentre dez dos seus críticos nada sabem a seu respeito, e menos ainda sobre sua obra. Para aquele que está minimamente familiarizado com o que este erudito escreveu, por mais que dele se afaste em mais de um aspecto, é inevitável a sensação de se estar diante de uma personagem intelectual de primeira grandeza. A beleza da composição, a despreensão e a concisão do estilo, e, diria mais, o equilíbrio de julgamento e a extraordinária capacidade de identificar e construir conexões históricas, tudo isso tinha-o Ranke no mais alto grau. Quem buscar “teorias” em suas obras, decerto não as encontrará, mas apenas: um gênio em ação. Nesta nossa época, temente a superlativos, há de se ter a coragem de dizê-lo. Outros contemporâneos seus, como Carlyle, certamente mereceriam o mesmo tratamento e a mesma adjetivação. Mas é tão somente de Ranke que se trata aqui.

Há alguns anos, o professor Francisco Murari Pires teve a feliz ideia de traduzir e disponibilizar na internet uma seção do primeiro volume da *História universal*, em que Ranke analisa as obras de Heródoto e Tucídides. A beleza

destas páginas, que encontrei inteiramente por acaso em 2006, levou-me a procurar o professor Murari com a ideia de uma nova publicação nesta revista, para a qual, aliás, ele havia contribuído desde seu nascedouro. A proposta, imediatamente aceita, era a de fazer uma revisão da tradução a partir do original alemão. O resultado deste trabalho está à disposição do leitor deste número de *História da Historiografia*.

O início da década de 1880 tem um significado ímpar para as ciências humanas e para a história. Em 1882, aparece a *Historik* de Droysen. No ano seguinte, tem início a “querela dos métodos” entre Gustav Schmoller e Carl Menger; morre Karl Marx, chega às livrarias a *Introdução às ciências do espírito* de Dilthey. Uma era axial para o conhecimento histórico: nascia ali, em seus contornos mais gerais, a forma por meio da qual ainda hoje a nossa disciplina é pensada.

É neste contexto que Ranke publica o primeiro volume da *História universal* (1881). Apesar do clima político, cada vez mais favorável ao nacionalismo dos historiadores “prussianos”, apesar do ceticismo crescente em torno da noção de “objetividade”, Ranke gozava ainda da reputação de mestre. Não muito tempo antes, em 1867, recebera a comenda máxima alemã, a ordem *pour le mérite*. Em 1882, tornava-se conselheiro real (*Geheimrat*), e, dois anos mais tarde, adquiria o título de cidadão honorário de Berlim. Justamente neste momento, atribulado tanto na política quanto na ciência, ele pretende encerrar a sua longa e produtiva carreira com uma grande obra. Ranke estava muito longe de ser o “historiador oficial do estado prussiano”, como equivocadamente dele se chegou a dizer. Enquanto Treitschke colhia os louros do extraordinário sucesso de sua *História da Alemanha*, Ranke trilhava pacientemente o caminho oposto. Para ele, o processo histórico não tinha o seu *telos* na unidade alemã e no surgimento de uma nova potência europeia.

A história no singular nada mais seria que um agregado de histórias. De histórias nacionais, é verdade – concepção presente desde sua obra de estreia, como bem observou um especialista de renome (MUHLACK 1988). Fato é que em Ranke a história universal nunca esteve a serviço de uma filosofia da história. Nesse sentido, ela se aproximava muito mais daquilo que Marquard chamou “história multiversal” do que propriamente de uma história universal (MARQUARD 2000). Seu último assistente em Berlim, que também foi biógrafo e organizador de suas obras completas, resume a questão de forma feliz:

A verdadeira história universal, que tem de abrir mão das divertidas abstrações da assim chamada filosofia da história, não tem a ver com o mundo dos fenômenos humanos enquanto um universo histórico (*historischen Weltall*), mas sim com a gradativa formação de uma totalidade histórica (*historischen Weltganzen*). Seu âmbito abrange não apenas toda realidade histórica concreta; ela nada mais é que a doutrina da conexão histórica e da vida histórica comum dos povos particulares (DOVE 1898, p. 195).

Eis a unidade perseguida por Ranke em seu último empreendimento. O “hieróglifo sagrado” da história só se dá a ler após uma existência inteira dedicada ao seu estudo: a visão de conjunto é ponto de chegada, não de partida. Pois trata-se aqui de uma visão essencialmente pluralista, “multiversal”, da experiência humana no tempo.

Que ele foi acima de tudo um historiador do político, ninguém há em sua consciência de contestar. Maximiliano da Bavária e Guilherme II apreciavam seus ensinamentos e conselhos, e consta que até mesmo o chanceler Bismarck teria dito que suas três leituras prediletas eram a Bíblia, Shakespeare e Ranke. Logo ele, o menos político dos historiadores do político.

Ranke era um espírito forjado pelo século XVIII, um legítimo contemporâneo de Alexander von Humboldt. Que se tenha visto no autor de livros sobre a história da França, da Inglaterra, da Espanha e da Sérvia alguém “a serviço do estado prussiano”, só se pode atribuir à pequenez da crítica. Religião, literatura e arte não ocupam um lugar menor em seus escritos; mesmo naqueles em que não se espera encontrá-los, como é o caso do ensaio *As grandes potências*.

Poucos, hoje, sabem que sua primeira obra, *as Histórias dos povos latinos e germânicos*, é indissociável de uma história da historiografia que fez publicar simultaneamente, *Para a crítica dos historiadores modernos*. A história da historiografia continuaria importante para ele, e era por assim dizer uma presença constante – ainda que fragmentária – em suas preleções. Em uma delas, realizada no semestre de inverno de 1855-1856, Ranke retorna a dois de seus temas prediletos: Tucídides e a crítica à noção de progresso.

250

Há muita coisa na existência humana, e é talvez o mais significativo, em que o conceito de progresso não encontra qualquer aplicação. São, sobretudo, os produtos do gênio na poesia, no conhecimento intuitivo, na arte. Não pode haver um segundo Fídias, nenhum segundo Rafael; é um pensamento disparatado querer produzir um poema épico melhor do que o homérico; depois de Platão não virá outro Platão; Tucídides inventou e, de certa forma, levou a termo um gênero de historiografia (RANKE 1975, p. 256-257).

Sabe-se do impacto que representou para Ranke a leitura de Niebuhr. Todavia, foi Tucídides quem permaneceu para ele, até o fim da vida, o grande exemplo de historiador. O autor da *História da guerra do Peloponeso* fora o tema de sua tese de doutorado em Leipzig, infelizmente perdida. Um dos discípulos de Ranke, Wilhem Roscher, o pai da Escola Histórica de Economia Política, escreveu também um estudo profundo (e que ainda demanda atenção) sobre a *Vida, obra e época de Tucídides*.

É apenas natural que na *História universal*, ao explorar o mundo espiritual da pólis grega, Ranke detenha-se sobre Heródoto e sobre Tucídides. Sua preferência pelo segundo é manifesta, o que não o impede de colocar a obra do primeiro em seu devido lugar – um senso de equilíbrio que Arnaldo Momigliano, um século mais tarde, não seria capaz de igualar.

Ranke tinha 86 anos quando escreveu estas linhas. Vira passar diante dos olhos quase todo o século XIX. Heródoto e Tucídides não eram para ele e para seus contemporâneos apenas os iniciadores da *Historie*, eles eram verdadeiros arquétipos. Quando, mais tarde, os historiadores de língua alemã procuraram atualizar estes arquétipos, elegeram para este fim os nomes de Ranke e Burckhardt. Tal processo de duplicação pode ser acompanhado, por exemplo, nos escritos de Friedrich Meinecke. Depois das duas guerras mundiais e da “catástrofe alemã”, quando contava os mesmos 86 anos, Meinecke escreve um ensaio em que se pergunta se o tempo não acabou dando razão a Burckhardt (acrescente-se, por extensão: a Heródoto). Depois de reproduzir uma declaração de Ranke de 1885, segundo a qual não teria se sentido capaz de escrever uma história universal com imparcialidade caso o princípio da soberania popular tivesse prevalecido na Alemanha, Meinecke, sob o evidente influxo da tragédia de que seu país ainda mal se dera conta, rejeita o ponto de vista daquele que considerara (em seu *Entstehung des Historismus*) a expressão suprema da tradição historicista. Há algo de comovente na forma como ele empreende essa releitura tardia. “Enquanto for capaz de respirar”, escreve Meinecke, “o verdadeiro historiador jamais deixará de perseguir sua liberdade interior e de, ao menos, pensar numa perspectiva histórico-universal.” (MEINECKE 1948, p. 7).

251

Por tudo o que julgo saber a respeito de Ranke, acredito que também ele, tivesse sido submetido às mesmas experiências, subscreveria estas palavras.

Referências bibliográficas

- DOVE, Alfred. **Ausgewählte Schriften**. Leipzig: Duncker & Humblot, 1898.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. O atual e o inatual em Leopold von Ranke. In: _____ (org.) **Ranke**. São Paulo: Ática, 1979.
- MALERBA, Jurandir (org.) **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Porto Alegre/Rio de Janeiro: edPUCRS/FGV, 2010.
- MARQUARD, Odo. Historia universal e historia multiversal. In: _____. **Apología de lo contingente**. Valencia: El Magnànim, 2000.
- MARTINS, Estevão de Rezende (org.) **A história pensada**. Teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010.
- MEINECKE, Friedrich. **Ranke und Burckhardt**. Berlin: Akademie-Verlag, 1948.
- MUHLACK, Ulrich. Leopold von Ranke. In: HAMMERSTEIN, Notker (Hrsg.) **Deutsche Geschichtswissenschaft um 1900**. Stuttgart: Franz Steiner, 1988.
- RANKE, Leopold von. **Vorlesungseinleitungen**. München: Oldenbourg, 1975.